

# AS BRUXAS DE MACBETH

PILIGRA





**Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**  
RUI COSTA - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**  
WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**  
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA  
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

---

**DIRETORA DA EDITUS**  
Rita Virginia Alves Santos Argollo

**Conselho Editorial:**  
Rita Virginia Alves Santos Argollo  
Alexandra Marselha Siqueira Pitolli  
Eduardo Lopes Piris  
Evandro Sena Freire  
Guilhardes de Jesus Júnior  
Jorge Henrique de Oliveira Sales  
Josefa Sônia Pereira da Fonseca  
Lessí Inês Farias Pinheiro  
Luciana Sedano de Souza  
Lurdes Bertol Rocha  
Maria Luiza Silva Santos  
Ricardo Matos Santana  
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti  
Sabrina Nascimento

---



**Universidade Estadual de Feira de Santana**

---

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**  
RUI COSTA - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**  
JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
EVANDRO DO NASCIMENTO SILVA  
AMALI DE ANGELIS MUSSI

**ASSISTENTE EDITORIAL**  
ZENAILDA NOVAIS

**SECRETÁRIA EXECUTIVA**  
IATARA CHAVES DE OLIVEIRA RIBEIRO

---

**DIRETOR DA UEFS EDITORA**  
Murillo Almeida Cerqueira Campos

**Conselho Editorial:**  
Natal Almeida Simões Neto  
Marluce Alves Nunes Oliveira  
Abílio Souza Costa Neto  
Anderson de Souza Matos Gadéa  
Cremildo Atanazio de Souza  
Antônio Vieira de Andrade Neto  
Caio Graco Machado Santos  
Ana Maria Carvalho dos Santos  
Antonio César Ferreira da Silva

---

PILIGRA



as  
bruxas  
de  
Macbeth

ILUSTRAÇÕES  
SANQUEILO DE LIMA SANTOS



Feira de Santana - Bahia



UEFS Editora

2022

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2022

Copyright ©2022 by LOURIVAL PEREIRA JÚNIOR

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA  
Deise Francis Krause

ILUSTRAÇÕES  
Sanqueilo de Lima Santos

REVISÃO  
Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P637

Piligra

As bruxas de Macbeth / Piligra; ilustrações  
Sanqueilo de Lima Santos. – Feira de Santana,  
BA: UEFS Editora; Ilhéus, BA: Editus, 2022. –  
(Selo Sertão Sul).  
84 p.: il.

ISBN: 978-85-7455-482-2 (UESC).

ISBN: 978-65-89524-20-5 (UEFS).

1. Poesia brasileira. 2. Poesia – Bahia. 3.  
Escritores brasileiros. I. Título.

CDD 869.91

Bibliotecária responsável: Quele Pinheiro Valença CRB 5/1533

**EDITUS - EDITORA DA UESC**

Universidade Estadual de Santa Cruz

Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil

Tel.: (73) 3680-5028

[www.uesc.br/editora](http://www.uesc.br/editora)

[editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

EDITORA FILIADA À

  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

  
ASOCIACIÓN DE EDITORIALES  
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA  
LATINA Y EL CARIBE

## MACBETH E SEUS FANTASMAS NA TERRA DO SOL

Há mais de cem anos que a poesia moderna não para de morrer. A cada nova investida crítica que sobre ela se lança, uma parte lhe é subtraída, sob diversos pretextos, mas principalmente sob a justificativa de que tal e tal aspecto deixou de ser poético — seja um elemento de técnica, um conjunto de imagens, um vocabulário, ou seja, uma simples nuance de dicção que não se pode mais admitir. Os poetas, por seu turno, embora pressintam que um esforço de renovação incessante é necessário à sobrevivência da lírica — pertencendo talvez ao seu modo próprio de ser —, sabem também que no fluxo das transformações alguma coisa se preserva, e não tanto porque somos conservadores ou nostálgicos de um passado mal conhecido. De certo modo, a sobrevivência daquilo que alguns chamam de formas *tradicionais* no âmbito da modernidade mostra que tal modernidade não é um projeto de mão única. Antes, como defendeu Antoine Compagnon num livro famoso, a época moderna tem sido marcada por contradições, as quais não se explicam apenas com base num conceito dominante, aquele que diz que o moderno só pode ser compreendido em confronto (ou conflito) com o passado. Paradoxal e errante, a modernidade compreende-se na medida em que aceita reconhecer seus impasses e na medida em que os vai tomando a sério como aspectos de sua dinâmica. Ela é, como diria Octavio Paz, uma *paixão crítica*, mas é também o momento da história em que os vetores da tradição e da ruptura se manifestam não só como polos de um todo dilacerado, mas também como forças propulsionadoras de todo o processo. Seja na poesia ou na arte em geral, podemos ver todos os dias os avatares da racionalidade triunfante se baterem contra os diques impostos pela tradição, chamada às vezes de conservadora, reacionária ou retrógrada, mas sempre fundamental para a constituição daquilo que chamamos de *moderno*.

Em seu setor, a poesia brasileira tem sido assombrada, desde as primeiras décadas do século XX, por uma convocação incessante à novidade, a que devemos alguns de seus momentos mais luminosos. No ponto extremo, levanta-se até, de tempos em tempos, a afirmação de que com o advento da vanguarda as manifestações da tradição não só deixaram de ter vez, como cessaram de existir. (Para onde teriam ido?) Não há mais sonetos, nem tercetos, nem quadras, nem rimas, nem o próprio verso, como anunciam os entusiastas; mas isto contradiz a observação simples, que todos podem fazer, de que, se tais formas deixaram de ter apego no ambiente da crítica, elas continuam a viger na prática diária dos poetas, em todas as latitudes. Elas se manifestam em livros cujo poder de expressão e renovação do poético (pensemos em *Claro enigma*, de Drummond, ou na *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, para ficarmos em dois exemplos) parece inquestionável e inultrapassável. Isto mostra a profundidade e o alcance dos paradoxos: relegadas “à margem do processo histórico”, como disse um teórico influente, elas insistem em sobreviver naquilo que Adorno chamou de “o veio subterrâneo da lírica universal”,

revitalizadas não por um esforço de resistir voluntariamente ao arrasto inovador, mas pela própria força da lírica. É a lírica (ou a poesia) que as põe de novo em curso, como se quisesse provar, a cada novo evento, que o espírito sopra onde quer (e quando quer), sem prestar contas a ninguém, nem aos mais argutos ou inflamados.

Não estamos a falar apenas da suspeita — que muitos sustentam — de que, banidas do universo da alta cultura (o que ainda não está provado), as formas foram se refugiar no ambiente da chamada cultura popular. Nesse ambiente, sobrevivências ancestrais continuariam pulsando livremente, sem os embargos da teoria. Quanto a isso, não podemos fugir à constatação de que elas não só proliferam aí com vigor, como também encontram uma casa, surpreendendo, pois, aqueles que acham que a lírica perdeu o seu rigor com o advento do verso livre e o avanço das estruturas coloquiais sobre a linguagem do verso.

O presente livro de Lourival Piligra Jr. encena, mais uma vez, alguns desses dramas. Buscando no que há de mais prestigiado — tanto pelo senso comum, quanto pela crítica erudita — o seu motivo disparador (a importante peça teatral de Shakespeare), traz de novo à baila, como a evocar fantasmas que nunca deixarão de nos assombrar, um conflito que parece habitar a consciência da lírica contemporânea. Tal conflito nos diz que o poeta precisa se lançar de encontro a todas as complexidades do mundo atual e, ao mesmo tempo, compreender que para falar do mundo só dispõe dos recursos que a poesia lhe oferece — recursos que foram rejeitados pela modernidade ou sobrevivem nela como uma margem ou uma *ausência* (a própria tradição, relegada a um segundo plano) sem a qual não há como afirmar a grande *presença* do moderno (a ruptura) no domínio do espírito. Mas não é nisto, somente, que se resume o texto de Piligra. Complexo e contraditório a seu modo, seu livro ressuscita, na evocação dos fantasmas, alguns dos mitos mais persistentes da época moderna que a frequentam desde o Romantismo: aquele do poeta em conflito com o cosmo, tão caro à ética romântica; aquele da arte vista como uma espécie de maldição ou de extravio, a condenar o seu criador a uma existência infeliz; e aquele outro que diz que, apesar de tudo, a arte é um ato de *liberdade*, um gesto de libertação começando pelo autor e reverberando, mediante sua inserção no plano da cultura, sobre toda a consciência de um povo e de uma época.

Construído na forma de um poema único de certa extensão, o tema do reencontro com as bruxas de Shakespeare se desenvolve, no livro, à maneira de um longo devaneio ou delírio poético, no qual o grotesco das cenas, lembrando os pesadelos de Bosch, abre espaço para a invocação dos fantasmas que são os de todos nós. Mas não nos iludamos: o modo relativamente livre como os versos são distribuídos nas páginas, sugerindo tratar-se de sequências curtas, de poucas palavras, conforme o preceito contemporâneo da economia verbal entendida como sustentáculo do rigor, esconde uma outra origem. Por trás da máscara (e se trata de máscara, conforme o autor o reconhece ao se referir por mais de uma vez ao conteúdo narrativo do poema como uma *cena* teatral), jaz uma realidade imperativa: o ritmo quaternário dos versos revela que não se

trata de versos livres, mas de versos escandidos (no caso, alexandrinos modernos), que foram desmembrados em sequências curtas e podem ser reconstituídos em sua forma original. Também a presença de rimas sugere que a estrutura aparentemente assimétrica das estrofes se sustenta numa outra estrutura, mais arquitetônica, de versos rimados e construção rigorosa, dos quais Piligra já demonstrou ser exímio praticante. Tudo isso indigita as fontes de onde brota a inspiração do autor — o seu desejo de fazer a poesia circular num espaço de diálogo entre tradição e modernidade —, mas revela, sobretudo, o fato de que o contemporâneo é lido, ali, como conflito, isto é, como incapacidade do homem (artista ou cidadão comum) de habitar o presente sem se dilacerar, sendo esta a maneira que escolhemos para interpretar a evocação de Macbeth, em pleno século XXI, como símbolo de uma consciência que não encontra lugar no real.

A figura do rei trágico — remontando a um prestigioso imaginário do Ocidente, no qual o humano em confronto com o divino paga alto preço por sua liberdade e rebeldia (e Macbeth não é outro que um símbolo do indivíduo tentando dar um curso ao seu destino, sem levar em conta aquilo que Pessoa expressou lapidarmente num verso que diz que “os deuses vendem quando dão”) — é agora o próprio poeta, numa associação inusitada cujo fundamento se explicita no final, quando o vemos invocar, em sua defesa, a ideia da arte como prática humana fundada na liberdade do imaginário (ou na liberdade da criação). Mas, também como Macbeth, o poeta está condenado ao fracasso. A voz que ele escuta não o convoca para a glória ou o reconhecimento público de suas aquisições, mas para essa experiência do desastre que é a de Macbeth e de onde brota o movimento ou impulso lírico que origina o poema. No meio de tudo surge a experiência do mundo vivido como pesadelo ou teatro bufo/grotesco, no qual ao poeta, seduzido por todas as musas (“tudo eu misturo / num soneto singular; / nome de gênio, / fantasia corrompida, / música sacra, / som vazio, / céu exemplar, / poema vago, / canção lírica / e sem vida, / tudo eu misturo / no papel / sem me cansar”), não está reservado senão ao próprio desmoronamento.

No final, embora o eu corra sempre o risco de sucumbir, vence o poema, segundo a mitologia do livro, o qual se afirma por cima de todas as desgraças, como vitória (pirrônica?) do imaginário em seu domínio. É nele, no poema, que se experimenta, assim, mais uma vez, o embate da arte com a vida, não tendo esse gesto outro sentido que glorificar o trabalho da Musa — origem e fim do ato criador:

*Faço feitiço pra aclarar  
qualquer dilema,  
mistura métricas  
sem medo a todo instante,  
tiro de letra  
cada parte  
do meu tema,  
rabisco o acaso  
e do destino  
faço amante;  
mexo  
e remexo  
no papel vago  
e vibrante  
e o resultado  
disso tudo  
é um poema!*



Muito mais se poderia dizer sobre o livro, cujo imaginário parece estranho aos nossos dias e ao nosso clima, com suas bruxas, feitiços, animais antropomórficos e seu ambiente geral de pesadelo medieval. Salta aos olhos, por exemplo, nessa invocação aos poderes do verso, a renovada remissão ao (duvidoso) triunfo da arte num mundo onde ela já não sabe qual é o seu lugar — invocação que nos tem sustentado nesta época em que a poesia mal consegue encontrar o seu caminho para as editoras. Neste ponto, se Piligra reativa uma temática que hoje relacionamos à chamada cultura erudita (na qual se celebra a lenda de Shakespeare como um ícone sagrado da luta humana com as palavras), não podemos deixar de reconhecer que o influxo desses temas é de origem popular, bem mais que erudita. Remonta, num sentido, a toda uma tradição onde os *topoi* da “vitória” do poeta em desafios literários (muitas vezes configurados, na tradição oral, como contendas entre versejadores mais ou menos experimentados) nos quais sua arte é posta à prova; ou do poeta confiante nos poderes de sua arte, que o conduzirão à vitória sobre os adversários, o tempo e a história. E há ainda que salientar: Piligra domina esses códigos como ninguém, pois também é exímio cordelista, não sendo difícil que os tenha transposto para o poema.

Se também foram apreciados pela arte de ascendência romântica, cultuadora de mitos como o do *gênio* e do *talento*, os temas levantam aqui a suspeita de que a única possibilidade real de “vitória” para a poesia no mundo contemporâneo está em suas origens — que, como quis Adorno, se enraízam no humano de todas as épocas, culturas e camadas sociais. Esta é, talvez, a principal mensagem a extrair das entrelinhas desse texto-máscara, em que tantas coisas parecem cambiantes ou fora do lugar. Mas não é isto que a arte tem a nos dizer hoje em dia, nos diversos espaços da cultura onde circula ainda como prática humana valorizável e significativa?

Renato Suttana  
abril de 2018



